

LEOPOLDO NUNES

*Esta palavra
Bondade...*



LISBOA — 1964

*Conferência proferida
pelo ilustre jornalista
Ex.^{mo} Sr. Leopoldo Nunes,
na Casa de Repouso de
Inválidos do Comércio
em 19 de Abril de 1964
(sessão solene comemora-
tiva do 35.º aniversário
da instituição)*

Minhas senhoras
Sr. Presidente
Meus senhores

Quero, em primeiro lugar, agradecer o convite que, por intermédio do meu dilecto e fraterno amigo Manuel Frazão, me foi dirigido para falar neste acto, tão simpático e tão agradável. Nós, jornalistas, temos poucos ensejos de nos alegrarmos em manifestações públicas visto que, por via de regra, trabalhamos e temos preocupações quando elas se realizam; mas há momentos em que também nós, porque temos sensibilidade, nos congratulamos e sentimos felizes colaborando em boas obras, estabelecendo conceitos à base da nossa inteligência e do nosso coração. Eis por que estou aqui, com muito prazer

pela terceira vez; a última, ainda era vivo Alexandre Ferreira.

Agradeço ao meu querido Director e amigo as suas boas palavras e agora lamento não o ter tomado para base da minha palestra porque na verdade é muito bom rapaz. E além de bom rapaz, é bom director. E além de bom director é em tudo, no carácter, na dignidade, na competência com que está a trabalhar, o digno sucessor de seu Pai. Tal como acontecia no tempo em que João Pereira da Rosa era vivo, e às vezes nos encontrávamos em ocasiões semelhantes a esta, não sou subserviente, porque nunca tive esse defeito; sou apenas justo e sincero. E, dentro do *Século*, ninguém pode melhor do que eu testemunhar a carreira que o Dr. Guilherme Pereira da Rosa tem feito, primeiro durante longos anos sob a sombra protectora de seu Pai, e hoje, voando livremente, com asas próprias e possibilidades extraordinárias que, dia a dia, se revelam mais seguras e mais firmes. E tem

ainda uma felicidade: a de encontrar em seu irmão, Sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, o colaborador que na fraternidade, na compreensão e no desejo de acertar, lhe dá o melhor contributo, o melhor trabalho, para que ambos realizem a grande missão que o *Século* tem que desempenhar sempre.

Minhas senhoras, meus senhores:

Esta palavra Bondade tem na grafia e no som a mesma simplicidade e doçura que há no seu conteúdo espiritual e moral. Possui igualmente a força impulsionadora dos mais nobres e belos pensamentos e acções. Há os que a sentem e servem por pendor natural ou regra de convivência; outros porque dos seus antepassados lhes veio o exemplo; e ainda aqueles para os quais a Bondade é expressão do ideal que envolve um halo de poesia transcendendo o âmbito terreno. O objectivo é o mesmo; os caminhos é que são diferentes, sem que alguém possa afirmar qual é o melhor.

A palavra Bondade escreve-se com sete letras, as mesmas com que se escrevem outras palavras que entram na prática da Bondade, como são, por exemplo, justiça, ternura, lágrima, alegria. Bondade é Justiça, pois se fosse favor, punição ou transigência com o desvairo, não era justa e a si própria se negava. Bondade é ternura, por representar compreensão e amor. Bondade é consolo nas dores e ansiedades do nosso semelhante, e uma só lágrima às vezes chega para mudar o rumo de uma vida e até de uma sociedade. Bondade é alegria, visto que até os felizes, para o serem completamente, necessitam de quem sinceramente aceite e partilhe os seus júbilos.

O que torna a Bondade superior a quase todas as outras manifestações de sentimento é o facto de requerer a renúncia absoluta aos interesses ou proveitos materiais e às vaidades terrenas; é a circunstância de ser uma dádiva total, não só dos bens que possuímos, mas também

do que somos em espírito e coração. É um sentimento tão belo e útil que até no mundo dos irracionais existe por instinto, pois às vezes vemos como os animais fortes protegem os fracos, e seres de espécies diferentes harmonicamente vivem. No mundo houve sempre Bondade, embora tenham maior volume, infelizmente, na vida da humanidade, as ambições, os egoísmos, as injustiças, os erros, as violências e os ódios. Não obstante, o verdadeiro conceito de Bondade e da forma de a exprimir por pensamentos ou por obras vem de há 2.000 anos e foi definido por um Homem que, menos do que qualquer outro, sentiu a compreensão e o amor dos seus semelhantes. Na Bondade assentou Cristo o seu belo estatuto de verdade, de paz, de harmonia, de justiça, de amor e caridade que é o Evangelho. Estatuto para todas as religiões, para todas as seitas e raças e para todos os indivíduos. Tudo o que a Bondade até hoje fez ou fará ainda pelos tempos fora no Evangelho Cristão está escrito e

tem sobrevivido à hostilidade dos programas doutrinários, dos sistemas políticos e das reivindicações sociais e económicas. E tem sobrevivido com êxito, porque todo o contrário acima do mais se preocupa com as necessidades materiais do homem, e lhe veio daí uma posição dominante que não pode ter numa sociedade bem organizada, já que o homem antes de ser corpo é espírito e é alma. Dar affecto, pão e agasalho ao nosso semelhante e respeitar os seus direitos de pessoa humana, cuidar dos enfermos e necessitados, dos velhos e das crianças, perdoar os agravos, consolar os aflitos ou desesperados, encaminhar os fracos ou irresolutos, desprender-se de tudo o que não sirva a paz social e a harmonia no mundo — eis em síntese a regra evangélica, velha de 20 séculos, mas sempre actual e de premente necessidade em todos os continentes e latitudes.

Nós reconhecemos, é certo, pelo que ouvimos ou lemos ou directamente observamos, que o mundo contemporâneo, não

obstante os extraordinários e, por vezes, alucinantes progressos científicos, técnicos, artísticos e económicos tem carência de força e de fé, para eliminar ou ao menos atenuar, as graves injustiças que a humanidade suporta. A maior parte da gente, por esse mundo fora, precisa de pão, de vestuário e de lar; mas o que o mundo em geral tem é, principalmente, fome de amor, de justiça, de compreensão e de solidariedade. Há condutores de povos, ousados e poderosos, que ainda ignoram ou não querem entender que só a Bondade torna estável, sólida, progressiva e feliz a sociedade humana. Aos caminhos de liberdade, de direito, de justiça, de fraternidade que sempre foram os mais fáceis de trilhar, preferem as veredas sombrias da sujeição violenta, do fomento da subversão, da miséria quebrantadora dos espíritos e forças. Até muitos dos que se julgam, e estão longe de ser, exemplares cristãos ou católicos, fogem ao Evangelho ou o negam; e, assim, ofendendo os seus

semelhantes com faltas de solidariedade e misericórdia, é ao seu Deus e ao seu Cristo que verdadeiramente ofendem. Bondade (e o mesmo é dizer caridade), não é só acudir com recursos materiais a quem baldadamente os procura alcançar com seu trabalho e iniciativa, ou que ao cabo de uma dura vida de acção se vê só, sem energias e sem parentes que o amparem. Bondade não é dar o que nos sobra, o supérfluo, mas também o que de qualquer modo representa renúncia ao que se desejaria para o prazer pessoal. Bondade não é socorrer os necessitados ou débeis pelo sistema tão desumano da esmola; é auxiliar, no máximo das possibilidades, com o pensamento de que todos os homens são irmãos e os bens e benefícios por todos hão-de ser repartidos, com a natural condição de que mais larga parte tenham os que forem inteligentes, empreendedores e esforçados, sem que aos outros falte, no entanto, o essencial. A esmola admitia-se nos tempos em que os homens ainda não tinham a cons-

ciência do lugar que lhes cabe no mundo. É certo que através da esmola, durante séculos, a assistência aos enfermos, aos pobres e aos desvalidos, foi quase exclusivamente encargo tomado pelas associações particulares, exercendo o Estado uma função meramente supletiva, aliás bem limitada. E embora sejam hoje bem diferentes os princípios informadores e os esquemas da assistência e da previdência, ainda à iniciativa privada cabem as mais belas e eficientes obras de solidariedade cristã. Ainda direi que a Bondade não é só dar auxílio material, embora pelos meios próprios e dignos; é levar palavras de fé e confiança, de esperança, aos que têm dores e aflições; é participar com sinceridade nos desgostos e nas venturas dos nossos semelhantes; é animar os tímidos e evitar os erros e os abusos; é lutar contra as violências; é, em suma, procurar pelas boas acções o caminho da perfeição espiritual e moral. Nunca me esqueço daquele episódio que vem referido no Evangelho se-

gundo S. Marcos: «Estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro. E muitos ricos deitavam muito. Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas que valiam cinco réis. E chamando os seus discípulos, Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais que todos os que deitaram na arca do tesouro, porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento».

Na consideração disto, principalmente na certeza em que vivo de que a esmola abre um abismo entre os seres e por isso avilta ainda mais quem a dá do que quem a recebe; verificando como a humanidade caminha para o abismo por ter relegado a plano secundário os primados do espírito e do sentimento; observando como os homens se afastam cada vez mais da Bondade, que deveria ser o seu maior ideal, como fruto de compreensão, de affecto e

solidariedade; em razão de tudo isto dou graças a Deus por estar nesta Casa, que é uma obra notável de idealismo, de bondade, de puro sentido cristão, no meio de homens que dão vida a um verdadeiro lar e constituem, com os que os seus espíritos e corações amparam, uma família pacífica e feliz. Aqui, a Bondade vem das almas com o ímpeto e a pureza que à flor da terra se observa quando a água irrompe cristalina e fecundadora.

Sr. Presidente, Minhas senhoras, Meus senhores: Como foi possível criar e expandir este admirável movimento de solidariedade? Nós, portuguezes, somos, por temperamento e educação, individualistas, carecidos de espírito de associação, até para os empreendimentos ou causas que nos possam trazer benefício directo ou pessoal. Sei, porque andei nele envolvido largos anos, como foi árduo e difícil o lançamento e expansão da ideia mutualista em Portugal, quando já noutros países da Eu-

ropa constituía uma realidade consoladora e impressionante. Só se avalia bem o esforço dos ardorosos e abnegados propagandistas do mutualismo, observando como apenas duas grandes instituições — a da Rua da Palma e a de S. Cristóvão — resistiram quando o entusiasmo inicial se extinguiu e, fugindo à morte, se robusteceram e engrandeceram. Porque conheci todos os paladinos do mutualismo e de muitos fui amigo e admirador, por mais profundas que fossem as nossas divergências em religião e política, dou testemunho de que eram homens iluminados pela chama da Bondade e, como tal, idealistas, nobres, devotados ao bem comum, defensores extrémos da paz social e do respeito pela pessoa humana. Alguns possuíam tal poder de comunicação, revelavam tão forte sinceridade nos seus conceitos e nos seus apelos às multidões, que ouvi-los era, por vezes, escutar a própria voz da nossa consciência, no que ela exprime de nobres ideais e de sentimentos.

De todos, sem ofensa para os mais, Alexandre Ferreira tinha condições extraordinárias para servir as mais belas causas. Jamais conheci um homem que, como ele, ao mesmo tempo fosse idealista e prático, que estabelecesse o princípio e a organização. Os seus discursos de recorte e expressão popular, embora demonstrando uma sólida educação e cultura e ideias próprias acerca de muitos aspectos da vida, eram sempre interessantes, sugestivos e, por vezes, arrebatadores, pelo fogo interior que o animava. Nenhuma admiração causou, portanto, o facto de Alexandre Ferreira ser chamado a iniciar o novo movimento e dar forma efectiva a uma ideia que outro homem prestante, Alfredo Cabral, há muito tempo tivera: — uma instituição que fosse para velhos comerciantes ou empregados no comércio, impossibilitados ou diminuídos fisicamente — e não fosse lugar de asilo ou albergue, mas a uma Casa de Repouso, um lar amplo, arejado, acolhedor, onde nada fal-

tasse para o ambiente de família. Alexandre Ferreira mostrara em anos anteriores, nas suas frequentes viagens pelo estrangeiro, uma enorme preocupação no estudo dos problemas da instrução, da assistência e da previdência. Nesse estudo, o seu notável poder de organização assentou a obra, com a prestimosa colaboração de dezenas de homens do comércio, igualmente idealistas e generosos, conscientes da sua missão social. Grande foi o esforço despendido, desde o princípio de 1929, com reuniões periódicas em casas de empréstimo e o desenvolvimento de uma acção de propaganda em todo o País. Até que em 25 de Maio de 1930 abriu a Casa de Repouso de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO com 10 internados — comerciantes e empregados — dos quais o mais novo tinha 48 anos e o mais velho 81. Pelo esforço despendido, logo no ano seguinte a instituição tomou característica nacional. Comissões de propaganda, das quais foi António Casanova o mais dinâmico ele-

mento, conseguiram adquirir, em 19 de Agosto de 1935, a vasta área de terreno que constitui esta Quinta do Outeiro, no Lumiar. E nesta, em edifício próprio, a Casa de Repouso foi instalada. Em 28 de Dezembro de 1945 abriram os Serviços Clínicos, com instalações modelares. Em 24 de Dezembro de 1946 foi criada a Secção Feminina, a primeira que em Portugal se fundava para senhoras de uma só profissão.

Tudo isto e o que pelo tempo fora se foi realizando, deu motivo à existência de uma das mais notáveis obras de assistência e a maior no seu género em Portugal. Ainda vivem muitos dos que colaboraram na fundação e no progressivo desenvolvimento da obra. A figura cimeira, singular, que foi Alexandre Ferreira, sucedeu na presidência da direcção de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO outro homem inteligente e de extraordinária capacidade administrativa — o Sr. José Manuel Dias — ao qual daqui a pouco se

prestará uma justa homenagem, em que tenho muito prazer de colaborar, pela justiça que envolve.

Ao encerrar-se o ano de 1963, bem expressivos eram os números que o Relatório da gerência podia oferecer à consideração e reconhecimento do País. A população associativa — Metrópole, Ilhas e Ultramar — subira de 12 000 em 1931 para 50 000 sócios em 1963. Os internados de ambos os sexos, que eram 20 em 1931, foram o ano passado 380. Há um Orfanato com 13 rapazes e 8 meninas. O movimento financeiro da gerência no último ano ultrapassou os 5000 contos. Mas para além destes números, é bem melhor a surpresa, a surpresa e o encanto, quando se entra na Quinta do Outeiro. Árvores e flores, arruamentos modernos, onde foi instalado tudo o que proporciona felicidade e paz a homens e senhoras que, ao cabo de uma vida de trabalho, inválidos e pobres, consideravam talvez impossível uma tal prova de solidariedade social e de Bon-

dade, uma tão bela reconciliação com a vida.

Minhas senhoras. Meus senhores: No 35.º aniversário da fundação de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO há uma lição que a gente nova não deve perder: a de que vale a pena viver por um ideal nobre, dar espírito e coração a uma obra de forte sentido cristão. As solicitações que se fazem à juventude nem sempre são as mais próprias e úteis para ela ou para a sociedade em que se enquadra. Fala-se muito de direitos e bem pouco de deveres, e um destes é o da Bondade, que cada qual deve ao seu semelhante. A caridade não pode ser só praticada com o que sobra, mas também com o que virá a fazer-nos falta; com sacrifícios e renúncias, com palavras de amor e acções proveitosas para o comum. Fazer bem aos outros é um meio de aperfeiçoamento espiritual e moral. Nem sequer faltam aqui os exemplos de tantos homens sensíveis, operosos, deno-

dados, que muito sacrificaram para dar realidade a esta obra que dignifica uma classe e honra uma Nação.

O meu glorioso conterrâneo João Cidade, que a Igreja consagrou como S. João de Deus, fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros, quando pelas ruas escuras da cidade de Granada, alta noite, aflito andava na recolha de restos de comida, de pão e de roupas para os doentes e mendigos que ele próprio, às costas, transportava para o seu primeiro e modesto hospital, lançava um brado impressionante: «Irmãos, fazei bem a vós próprios!» Com isto queria lembrar que o amor e proteção ao semelhante os colocaria mais perto de Deus, os tornaria mais perfeitos.

Ao cabo de quase cinco séculos, bem podemos recordar esse aflitivo e angustioso apelo, nesta Casa, onde os dirigentes e as dezenas de milhar de associados «fazem bem a si próprios» na solidariedade com os que sofrem ou precisam de carinho e de pão. Esta palavra Bondade vive aqui.

Que Deus ilumine os homens, para que em todos os recantos do Mundo ela seja também um dia a expressão duma vida de Amor, de Compreensão, de Paz, de Justiça e de Fraternidade.